

OS TEMPOS DA DILIGÊNCIA

Infothes Informação e Tesouro

- P682 Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim
Os tempos da diligência: 50 estudos prosódicos. /
Antonio Vicente Seraphim
Pietroforte. – São Paulo: Annablume, 2009.
(Coleção [e] Editorial).
68 p.
ISBN 978-85-7419-942-9
Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Prosódia. I. Título. II. Série.
CDU 869.0(81)
CDD 890
-

Catálogo elaborado por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

OS TEMPOS DA DILIGÊNCIA

1ª edição: agosto de 2009

© Antonio Vicente S. Pietroforte

A Coleção FEITO NAS LETRAS é coordenada por
Antonio Vicente S. Pietroforte

Paginação e Capa
Vanderley Mendonça

Foto da Capa
Lucas Kiler

[e] editorial é
Antonio Vicente S. Pietroforte
Eva Batlickova
Gustavo Bernardo
Ivan Antunes
José Roberto Barreto
Vanderley Mendonça

[e] editorial é uma publicação da

ANNABLUME editora . comunicação
Rua Martins, 300 . Butantã
05511-000 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televidas 3031-1754
www.annablume.com.br

ANTONIO VICENTE
SERAPHIM PIETROFORTE

OS TEMPOS DA DILIGÊNCIA

50 estudos prosódicos

[e]editorial

Diligência – 1 interesse ou cuidado aplicado na execução de uma tarefa; zelo. 2 urgência ou presteza em fazer alguma coisa. 3 medida necessária para alcançar um fim; providência. 4 busca minuciosa; pesquisa; averiguação; investigação. 5 ato judicial que os funcionários da justiça executam fora dos respectivos cartórios ou auditórios. 6 serviço urgente e extraordinário executado fora do quartel. 7 corpo de tropa encarregado desse serviço – ETIM lat. *diligentia,ae* “cuidado, empenho, zelo, exatidão”. ANT apatia, desleixo e indiferença.

para o amigo Roberto Zular

A TENTAÇÃO DE ANTONIO

olha pela janela e pensa
o que vai ser agora?

a brasa do cigarro aceso
sobre a sua pele?

a demora?

não passa dessa vez
sem mar
sem tigre
nem outra fera que não seja aquela
aflora

UM LANCE DE TRÊS LUGARES

fixa
a lente de contato falsa
parece verde, parece plástico

resiste
alguma mina diz que se inspirou em ti
só percepção sem glória

a raiz se mostra
o olho verde de verdade mora
sob o seu telhado
de segunda e quarta

SENHOR INVOCAÇÃO

para o Paulo Scott

Igor, vamos ler livros de terror
a droga, Igor, pronta pra fritar
sua cabeça feito
ovo; a poeira do livro, Igor
praticamente te vicia; a
página, procura a página da
dama e da tortura; se toca, Igor
sua cabeça como
no almoço; você vai ler a página
maldita, monstro; seu cérebro pronto
pra virar comida, Igor

A DECREPITUDE DAS LETRAS

entre o reboco e a ruga
algo que cutuca

A MUSA CRUCIFICADA

cinco por dia
para dar cinqüenta
são dez dias
para dar cinco por dia
para dar cinqüenta

VINHETA DA SAUDADE

ainda evita
morderia o calcanhar como se fosse cobra
no diminutivo
ainda te devora
mesmo quando a irmã atravessava a sala

DE VENTO EM POLPA

a uva
o cacho de cabelo escuro
o olho verde ficará um tempo porque sim

vago
será só simulacro
seu valor não passa disso

O ABISMO

mu
celebra por um triz
a filosofia pára nas pernas cruzadas da menina

MINISTÉRIO DA FUMAÇA

para o Joca Terron

veio assim
parecia moça no vestido preto
cor de saco de lixo no desfile
e a fita crepe

minha mocinha
melhora mesmo
sentia falta já, bem nervoso

AS CONDIÇÕES DO OCASO

a hora da troca grita
há hora e lugar para fazer a troca

enquanto isso

oscila entre o desenho e o peixe

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

para o Luiz Gê

eu quero ser uma locomotiva.
você, de salto alto, o que seria?
mira
na janela agora, sozinha
no vagão vazio
a seriema voa
dá para ver da janela da nave
que viria de Eldorado

seria nave? navio de guerra?
seria moça lendo na cabine?
rever, lá fora a selva silva sós...
– o grito me confunde
não sei se ouço ave
arara
não sei se é macaco –
eu insisto no coral dos sapos quando apitam
alto! alto! alto!

JARDIM DOS ÁCAROS

faz pelo menos cinco anos
foi quando me dei conta
que fazia mais

já tinha começado antes...

desde antes dos dezoito anos
talvez menos
menos do que dez
do que seis
talvez menos que seis

SEGREGATIVA

se você chapasse de páprica...
mas você não chapa

se dançasse a valsa ainda
feito gata
para que Viena enfim se transportasse
do portão cinzento
do metrô
no piano bar tão careta
tão diferente da avenida principal

lá
parece Berlim
parece o *sex shop* perto do jardim zoológico
e da ferrovia

APOCALIPSE NO ESCURO ENTRE DUAS AMIGAS

I

você acha que o futuro é um coturno duro
na cara dos culpados?

acho sim

acho que a maioria tem cara de bola
só serve para ser chutada

iguais daqueles caras lá fora?

isso mesmo, tudo cara de bola...

espero que o futuro seja uma mulher
chutando todos eles;

uma mulher magrinha chutando homens
e mulheres com caras de bola...

II

esse clik é um isqueiro?

foi

e essa brasa?

essa brasa é sua, agora...

CANTIGA DE AMIGO

fui eu, chorar
cá destes olhos meus

– vedes, amigas, como a tarde é cinza –

se derrama

parece vinho

será que ele me leva assim?
será
que se incomoda?
ainda não sei
sei lá...

A INDEPENDÊNCIA DA MEMÓRIA

a chuva te move pelo ouvido
havia um temporal lá fora

faz frio
serve na encolha
a cama lúmpen te conforta
só faltará o aroma

SHIVA?

o centro do mundo está em toda parte

foi simplesmente assim
apagou o fogo descalça

) no cruzamento da Estados Unidos com a Nove de
Julho (

ainda se despede incauta
presa na memória

ENTRE A PRIMEIRA E O PRANTO

campeador
ora era para ser atriz
ora me apronto na acrobacia suja
diante da última

efeito da Lua
afeito ao caranguejo-câncer
ela se propaga

ninguém entende pois não tem espelho

feia e fiel

a formosura foge da valsa na síncope que faz
para entrar na sua

AGORA

porque aquela?
para diferenciar o ato
simular o choro diferente

prescreve?
claro que sim
como se fosse lei

para ser nostálgico?
sinceramente, porque ela era magra

AZUL

fez de conta que é passado
uma citação depois da outra
precisa dessa rede toda para te alcançar

mas o detalhe torto
sempre alguma fibra
fissura que não passa

QUADRILHA

os ás e os ós
para te comover

porque assim se insinua pelo ouvido
porque assim se foge

às vezes valsa
às vezes fole

para sempre
troca

SWEET SORROW

é fundo ao fim
ou somente o sol
que desenrola?

ANTOLOGIA SM

faz a liga
demorou
por isso a mente sobrevoa o que resta
da região sudeste
ao norte de Minas
e o homem que viajaria léguas
chega?
para sempre rente
reto
na Bahia
capturado pelo golpe baixo
ainda se lembra quando a cor vermelha
prende no vão do asfalto e da calçada

JARDIM BOTÂNICO

o túnel de bambu assopra
são túneis de bambus

será que por ali não passa alguma cobra?

depois estufa

carpa

a escada sobe com sinceridade de musgo e de pedra

COLEÇÃO

sorria Buda, como todo filho da puta ri

o sapo branco quase que coxa
um asteca te lembra que a América é um labirinto

faz tanto tempo a boca
essa foi a sexta e a última
somente a face azul convoca

DIFÍCIL

Janis Joplin coberta com colar de contas
as pernas cruzadas da Brigitte Bardot por cima da mesa
o doutor Freud fuma
Ernesto Che Guevara assina
e os pés descalços da menina que eu não vejo o rosto

FOME DE FODA-SE

como seria um poeta concreto
trepando debaixo da chuva?
acha que ele se encontra encharcado?
ou, numa manobra, ele permanece seco
e você se molha?

como colher esse instante vulva?
suspender o pênis por meio da palavra?
memorizar um número no âmago da composição?

NOS TEMPOS DA DILIGÊNCIA

a investigação do ofício
nesse meio tempo sem cúpula
sem se afogar na espuma
sem essa de cavalo afoito

a campa
o campeador alcança
ressalva na alcova
na re-visão do Marquês de Sade

VENEZA

na Praça de São Marcos
a pomba é nuvem
cLOUD
bico de pena

mas só me interessa ela
a mocinha norte-americana branca
que passeia descalça

FLORA

como fumar essa ponta erva que a memória acha
mas não consegue guardar?

infinito esse beijo
que a boca molha
mas precisa passar

e passa sim
passa a ponta propícia ao momento que passa

VÉSPER

no suspiro, ópera
já faz tempo o coito
qual no livro

freme
como antigamente

a válvula segura a caça de uns tantos volts
os watts vão dispersos por aí
elegantes

PSCIO...

para o Thiago Ponce de Moraes

você já leu da imperfeição e da fissura
o rasgo na tela das figuras?
se liga e se desliga
mora
apenas por um instante, flerta
repara nas mocinhas que declamam versos
nas portas dos teatros

JARDIM NOTURNO

enquanto você fica estacionando o carro
não sei se é gata ou gato
desceu marrom e pluma pela escada
do jardim noturno
no jardim noturno
a trilha vira a figura cor de cinza
trapézio
tudo fica verde escuro
para projetar a noite e a folhagem
para planta roxa grita
linha reta e larga
ficar na sensação da construção dos fatos

RAGA

passei a tarde toda assim
só sei fugir do vale a pena
por que tarde, sendo minha?
como se fosse o último refúgio do poema
comuna do sagrado

levei o tempo todo para separar a *tala*
mesmo assim me perco
só sei dizer não sei
– não como na filosofia –
meu vício é o único que fica

MARÍTIMO

lembro da receita
dos 13
escondida na capa da revista
a clandestina nua na canoa
na fenda
pronta para o encontro

EX-NAMORADA *EX NIHILO*

foi só porque foi importante
na cena não cruza
um momento assim ninguém resiste

a alma brasileira irreconhecível
outra terra à vista, planície das desmazeladas
só assim é musa

SÁBADO

Sulamita

– esse nome –

o grito barbariza em veias e gargantas
por essa eu não espero mais

na cristaleira vejo meus avós
suas almas fantasmas, presas nas fotografias
uma herança feita de garrafinhas
do passarinho feito de madeira
do vaso-bota
do sábado sempre que não passa
passou enquanto isso um pedaço claro
rosa do rosto de uma moça que me socorre

parece bárbara
renova alguma coisa de cabelo solto
enquanto espera

VOZES FÊMEAS

o que me apetece muda
mas continua a musa presa na gaiola

escuto um canto de mar
a poesia escorre dos sargaços

no lugar ameno meio triste
sou capturado pela indiferença
quando alguém declama a flor de plástico incinerada

NANÁ

ninguém gosta de ficar sozinho?
nos cantos
coro
coral igual na conferência
dos olhos amendoados
como nas indianas
o grito cachorro late atrás dos versos de Vyasa
pia um pássaro que parece arara pequena

O GOSTO DO CONTO

vestida numa camisola clara
não sabe a cor exata
afinal de contas
foco
alguém que se abaixa
para o desfecho
eu reflito até aonde vai a construção disso

ZEN

para Pedro Xisto

no seio do silencio
cio
cílio no meio do poema

FLOR

numa nuca
nunca havia visto
sempre me censura
o superego atento
até aqui tudo corria bem
mas o xadrez me lembra das calçadas de São Paulo
a parte preta, lisa, acima
nada como o Sol da tarde
no noturno

FOTOGRAFIA

se é só pretexto
por que a pose?
miragem
não há análise que resolva o nexo
é só um nó que gorjeia durante

FÁBULA DO PORTE

para Ana Cristina Joaquim

venha conhecer Lemúria
a mudez perante os sólidos platônicos
ainda é uma defesa discreta dos conceitos puros
no vão da filosofia
a menina mais vadia te pega pela mão
imagina uma puta
que lê a *Crítica da razão pura*

CUBO

ou

a mão passeia pelo quase
arrisco que a mão passeie pelo quase
ah!

por pouco era

mantra

buzina

piano preparado solto na planície que separa
meu canto primata

primal

primeiro soco da manhã

SEXTA

se perde na areia clara
vira o Hulk verde
viaja numa cor lilás vendo televisão

NÍTIDO

para Amy Winehouse

existe a explicação ali
no ponto de que parte a linha
aquela mesma que você traçava
como se fosse um plano
os livros nas estantes
gráfico
o muro se parece com os quadros do começo
do século passado

mas o que me punge
é código
é o quanto você se parece
face
com facilidade é quase
confusa
dazed
and
barefoot
em Londres

DESENHO

só o que se deforma
importa
na hora de escolher a fôrma
a variação da massa com o passar do tempo
pensa no papel do chumbo
da posição do rádio na tabela
na transmissão da primeira mensagem levada ao ar
para se comunicar com os seres de outros planetas
imerso na matéria escura

CARPA

para abrir o mar o seu vestido preto
para a desbragada
foi-se o tempo do corte
– ainda ontem te vi passar indecorosa –
apenas para dar contexto
isso não basta
o lugar na estante para a metafísica
para o poeta que se suicida
para o que fica

TRATOR

necessita da vítima viva
a coisa toda se explicita numa discussão
o tímpano simula o estrondo qual dois grandes
rios em côncavo abismo
parece guerra
quase parece artista
que grande artista o mundo vai perder

OS TEMPOS DA IMPERFEIÇÃO

Ana Cristina Joaquim

Romances, contos, poesias: Antonio Vicente continua a surpreender.

Em *Os tempos da diligência*, instaura, de uma vez por todas, o seu lugar na pós, ou seria mais adequado?, na hipermodernidade. Escritor de fôlego, Vicente publica seu oitavo livro ficcional precedido por uma obra bastante diversificada que inclui dois romances (*Amsterdã SM* – 2007 e *Irmão noite, irmã lua* - 2008), um livro de contos (*Papéis convulsos* - 2008) e quatro livros de poesia (*O retrato do artista enquanto foge* – 2007, *Palavra quase muro* – 2008, *Concretos & delirantes* – 2008 e, em parceria como escritor Ademir Assunção e com o desenhista Carlos Carah, *A musa chapada* – 2008).

Não pretendo, aqui, fazer um panorama completo de sua obra. Entretanto, considero de bom tom dedicar algumas linhas a sua obra poética que, com efeito, sintetiza o caráter multifacetado do seu engenho, diga-se de passagem, bem ao gosto dos contemporâneos.

Sua poesia é, antes de tudo, uma poesia marcada pela autenticidade (traço que encontramos com bastante força também nos seus romances e contos), e justifico a ênfase na autenticidade como qualidade literária, já que se trata de uma poesia pensada e escrita por um profissional da linguagem, por alguém que a tem como objeto de trabalho diário e, se

por um lado este dado pode contribuir para uma elaboração criativa da linguagem (o que de fato acontece no caso de Vicente), por outro, (e, de modo geral, parece haver alguma tendência neste sentido) poderia muito bem funcionar como bloqueio ou impedimento, tornando o literato erudito um mero reproduzidor de formas e temas já desgastados. Vicente não sucumbe a esta tentação, muito pelo contrário, dá a cara à tapa reinventando, a cada verso, o discurso poético. Discurso este que se põe bem de acordo com a contemporaneidade, seja pela ousadia formal, tão evidente em *Concretos & delirantes*, livro que, como o próprio título já sugere, evidencia o formalismo patente no delírio, bem como o delírio como componente indissociável do formalismo; seja pelo zelo arquitetônico em *Palavra quase muro* e *O retrato do artista enquanto foge* (tão bem ressaltado por Camila Ribeiro em “A dicção do poeta arquiteto em Antonio Vicente Serafim Pietroforte”); ou seja ainda pela postura de antropófago, poeta devorador de formas, que são subvertidas (na expressão e/ou no conteúdo, vide *A musa chapada*) antes de serem devolvidas ao leitor. Antropofagia que é diálogo lúcido e inventivo: madrigais, sonetos e haicais “imperfeitos” (e a imperfeição surge aqui, ressaltaremos adiante, como a qualidade primordial de sua poesia). Nas palavras de outro antropófago, Oswald de Andrade, “Agente escreve o que ouve – nunca o que houve” (*Serafim Ponte Grande*. Editora Globo, 2007, p. 48).

Chegamos por fim nos *Tempos da diligência*, isto é, os tempos do zelo, da perspicácia, da forma bem cuidada. Tempos

nos quais o poeta, de modo bastante sagaz, situa o leitor, sua “vítima viva”. Mas são também os tempos da indagação, da nostalgia, da confissão e da reafirmação de seus temas preferidos: suas musas persistem, ora erva, ora menina descalça, “feia e fiel”, Sulamita, ora Amy Winehouse!

Sem mais demora, visto tratar-se de poemas enxutos, Vicente nos conduz por um trajeto bastante lírico, não de todo ausente em sua obra poética precedente, mas um lirismo um tanto enfático, de algum modo pulsante, que toma conta, até mesmo, de alguns poemas narrativos ou descritivos, como é o caso de *jardim botânico*: “o túnel de bambu assopra/ são túneis de bambus/ será que por ali não passa alguma cobra?/ depois estufa/ carpa/ a escada sobe com sinceridade de musgo e de pedra”. Ora, nos deparamos aqui com um verso indagativo, traço lírico sutil que acaba por contaminar todo o poema. Lirismo ainda mais evidente na “fissura que não passa”, no tema (será mesmo musical?) da fuga, da tala, do vício de uma *raga*, “no lugar ameno meio triste” que as *vozes fêmeas* delimitam, na nostalgia de um coito *vésper*, na *ex-namorada* “vinda do nada” (*ex-nihilo*), na boca de há tanto sublinhada em sua *coleção*.

Temos ainda o delírio-convite em *senhor invocação*, um madrigal escrito na medida da “imperfeição”. O deboche: o professor-poeta que aponta para a *decrepitude*. O deboche mitigado em *cantiga de amigo*, poema que lança mão de um tratamento tradicionalmente elevado para expressar um fato banal, rotineiro e, até certo ponto, um fato tabu (deixo para o leitor as delícias da interpretação...).

Temos, acima de tudo (retomando o tema da “imperfeição”...), um psicio (psico?), um pisca alerta, um letreiro luminoso que atenta para o ruído dissonante, para o áspero, para a pitada de fel no gosto, para o cheiro azedo no verde: “o rasgo na tela das figuras”. Talvez mote. Captura. *Os tempos da diligência*, 50 estudos prosódicos (o poeta faz questão de alertar, de imediato, o leitor desatento) é prosódia bem cuidada e, sendo assim, descuido seria não considerar o elemento desestabilizador: o chaqualho, o susto no leitor; já que é justamente aí que reside o poder de encantamento, como bem lembrou Ricoeur, ao frisar o lugar que a obra artística ocupa – um lugar peculiar situado na própria realidade, mas que se opõe a ela no sentido de que não é acomodação, tampouco relação sistematizada, mas, ao contrário, é impacto e violência: viola a ordem natural das coisas. Terminou com palavras de poeta, quem expressa tão bem a importância que ele mesmo atribui ao que aqui considero imperfeição: “Optei por manter o nome completo: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte. Cumprido assim mesmo, pois é um alexandrino. Ao contrário de Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, o meu é um alexandrino imperfeito, o que soa ainda mais fiel...”.

*ANA CRISTINA JOAQUIM é bacharel em Filosofia pela
Universidade São Judas Tadeu, faz graduação
em Letras na USP e pós-graduação em Filosofia na UNICAMP.*

